

PRÁTICAS ARTÍSTICAS NA ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DA INTERCULTURALIDADE

Uílder do Espírito Santo Celestino¹

¹Doutor em Filosofia – Universidade Federal de Sergipe (UFS)

uilder.celestino@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2260896164107242>

Tayara Barreto de Souza Celestino²

²Doutora em Sociologia – Universidade Federal de Sergipe (UFS)

tay.celestino@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9586222040651372>

AT02: Educação e Direitos Humanos

RESUMO: O presente trabalho apresenta os resultados de uma experiência pedagógica interdisciplinar desenvolvida com turmas do ensino fundamental da Escola Municipal Coronel Gentil Daltro, localizada no município de Nossa Senhora do Socorro, na zona metropolitana de Aracaju (SE). A proposta teve como objetivo promover a compreensão da interculturalidade por meio de práticas artísticas articuladas ao estudo do *halloween* sob uma perspectiva brasileira, integrando conteúdos relacionados à consciência negra e à educação em direitos humanos. A metodologia baseou-se em atividades coletivas, pesquisas orientadas, produção artística, uso da língua inglesa e culminância pedagógica no ambiente escolar, envolvendo diferentes componentes curriculares. Os resultados evidenciaram maior engajamento dos estudantes, ampliação dos repertórios culturais, fortalecimento do protagonismo juvenil e desenvolvimento de uma leitura crítica sobre os processos de ressignificação cultural. Os alunos passaram a compreender o *halloween* como uma prática híbrida, construída no diálogo entre diferentes tradições culturais, reconhecendo a importância da diversidade e da valorização da cultura afro-brasileira. Conclui-se que práticas artísticas escolares, quando fundamentadas em uma abordagem intercultural, constituem um recurso pedagógico potente para promover aprendizagens significativas, respeito às diferenças e convivência democrática no espaço escolar.

Palavras-chave: Arte; Interculturalidade; Práticas Pedagógicas.

1. INTRODUÇÃO

A escola contemporânea ocupa lugar estratégico na formação de sujeitos capazes de compreender, respeitar e dialogar com a diversidade cultural presente nas sociedades atuais. Em contextos marcados pela circulação global de símbolos, imagens e narrativas, torna-se fundamental que o espaço escolar promova práticas pedagógicas voltadas para a interculturalidade e para os direitos humanos, superando visões homogêneas de cultura e identidade.

A arte, nesse sentido, constitui uma linguagem privilegiada para a mediação entre culturas, pois articula sensibilidade, imaginação, experiência estética e reflexão crítica. Por

meio das práticas artísticas, os estudantes podem expressar suas vivências, reinterpretar tradições e construir sentidos coletivos sobre o mundo social e cultural em que estão inseridos. A experiência estética, quando integrada ao processo educativo, amplia as possibilidades de aprendizagem significativa e de formação cidadã.

Inserida nesse contexto, a experiência pedagógica analisada neste trabalho foi desenvolvida com turmas do ensino fundamental da Escola Municipal Coronel Gentil Daltro, situada no município de Nossa Senhora do Socorro, na zona metropolitana de Aracaju (SE). A proposta teve como eixo o estudo do *halloween* no Brasil, articulado às discussões sobre consciência negra, cultura afro-brasileira e interculturalidade, compreendendo essa celebração como uma prática cultural ressignificada no contexto local.

Ao integrar diferentes componentes curriculares como história, geografia, artes, língua portuguesa, língua inglesa e ciências, a atividade buscou promover o protagonismo discente, o trabalho coletivo e a leitura crítica das manifestações culturais contemporâneas. Diante disso, o objetivo geral do estudo consiste em analisar de que modo práticas artísticas desenvolvidas no espaço escolar contribuem para a construção da interculturalidade e para a educação em direitos humanos no ensino fundamental.

No contexto brasileiro, a discussão sobre interculturalidade no espaço escolar ganha relevância diante das desigualdades históricas que marcam as relações étnico-raciais e culturais. A escola, enquanto instituição social, não apenas transmite conteúdos, mas participa ativamente da produção de sentidos, valores e identidades. Assim, práticas pedagógicas que abordam manifestações culturais globais, como o *halloween*, tornam-se oportunidades para problematizar processos de dominação simbólica, circulação cultural e ressignificação local.

Ao ser incorporado ao calendário escolar brasileiro, o *halloween* passa por transformações que evidenciam a capacidade criativa dos sujeitos em reelaborar tradições externas a partir de suas próprias referências culturais. Esse movimento permite que a escola trabalhe criticamente a noção de cultura, afastando-se de concepções essencialistas e aproximando-se de entendimentos que reconhecem a cultura como processo histórico, relacional e dinâmico.

Nesse sentido, a articulação entre práticas artísticas, interculturalidade e educação em direitos humanos possibilita a construção de experiências pedagógicas comprometidas com a valorização da diversidade e com o enfrentamento de preconceitos. Ao integrar expressões da cultura pop, elementos da cultura afro-brasileira e reflexões históricas, a proposta desenvolvida buscou criar um ambiente educativo capaz de estimular a escuta, o diálogo e o reconhecimento do outro como sujeito de direitos.

2. METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como um relato de experiência com abordagem participativa, realizado em uma escola pública municipal, envolvendo aproximadamente 160 estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. A proposta metodológica fundamentou-se na interdisciplinaridade e na participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. As atividades foram desenvolvidas ao longo dos meses de setembro e outubro de 2025, culminando em uma ação coletiva realizada na semana que antecedeu o dia da Consciência Negra daquele ano. Os procedimentos incluíram aulas temáticas, pesquisas orientadas, produção de materiais artísticos, organização de espaços expositivos nas salas de aula, apresentações culturais e socialização dos conteúdos entre as turmas.

Cada turma ficou responsável por um recorte temático específico, relacionado a produções culturais contemporâneas, como animações, cinema, jogos eletrônicos e movimentos sociais, articulando-os às discussões sobre identidade cultural, interculturalidade e cultura afro-brasileira. A coleta de dados ocorreu por meio da observação participante, registros pedagógicos, produções artísticas dos estudantes e interações estabelecidas durante a culminância do projeto.

A organização das turmas por eixos temáticos distintos revelou-se uma estratégia pedagógica eficaz para estimular a autonomia e o envolvimento dos estudantes. Ao assumir responsabilidades específicas, os alunos passaram a se perceber como produtores de conhecimento, e não apenas como receptores de conteúdos. Esse protagonismo manifestou-se tanto na pesquisa dos temas quanto na apresentação das produções artísticas durante a culminância do projeto.

As atividades também favoreceram a integração entre diferentes componentes curriculares, rompendo com a fragmentação tradicional do currículo escolar. Conteúdos históricos, artísticos, linguísticos e sociais foram mobilizados de forma articulada, possibilitando aos estudantes compreenderem as manifestações culturais como fenômenos complexos, atravessados por relações de poder, memória e identidade.

Destaca-se ainda o impacto da proposta na ampliação do repertório simbólico dos alunos, especialmente no que se refere à cultura afro-brasileira e às discussões sobre consciência negra. Ao relacionar produções culturais contemporâneas com processos históricos de resistência e afirmação identitária, os estudantes puderam refletir criticamente sobre racismo, representatividade e desigualdades sociais, fortalecendo uma postura ética fundamentada nos direitos humanos.

A experiência evidenciou que a escola pode se constituir como espaço de mediação

cultural, no qual diferentes referências convivem, dialogam e se transformam. Nesse sentido, a interculturalidade deixou de ser apenas um conceito teórico e passou a ser vivenciada no cotidiano escolar, por meio de práticas concretas de cooperação, criação artística e troca de saberes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da experiência pedagógica evidenciaram elevado envolvimento dos estudantes, favorecido pelo caráter artístico, colaborativo e interdisciplinar das atividades propostas. A diversidade de linguagens mobilizadas como artes visuais, performance, narrativa, música e expressão corporal contribuiu para ampliar os repertórios culturais dos alunos e fortalecer o protagonismo juvenil.

Observou-se que os estudantes passaram a compreender o *halloween* como uma manifestação cultural híbrida, construída a partir do diálogo entre tradições europeias, estadunidense e brasileiras. Esse reconhecimento possibilitou reflexões críticas sobre apropriação cultural, identidade e processos de ressignificação simbólica no contexto escolar e social.

A articulação com a temática da consciência negra favoreceu ainda a valorização da história e da cultura afro-brasileira, promovendo debates sobre racismo, representatividade e direitos humanos. As atividades contribuíram para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo, no qual a interculturalidade foi reconhecida como elemento constitutivo da experiência educativa.

3.1 INTERCULTURALIDADE, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS, ELEMENTOS DA DIFERENÇA

O debate contemporâneo sobre interculturalidade no campo educacional emerge em um contexto marcado por profundas transformações sociais, culturais e políticas, atravessado pela intensificação dos fluxos globais, pela circulação de símbolos culturais e pela visibilização de identidades historicamente subalternizadas. Nesse cenário, a escola deixa de ser compreendida apenas como espaço de transmissão de conhecimentos formais e passa a ser reconhecida como um território de disputas simbólicas, no qual se confrontam diferentes concepções de cultura, identidade, igualdade e diferença.

Conforme analisa Vera Maria Candau (2008), a interculturalidade constitui uma perspectiva teórico-política que ultrapassa abordagens meramente celebratórias da diversidade cultural. Diferentemente do multiculturalismo liberal, que tende a reconhecer a coexistência de

culturas distintas sem problematizar as relações de poder que as atravessam, a interculturalidade propõe um diálogo crítico entre sujeitos e grupos culturais, ancorado na defesa dos direitos humanos e na transformação das desigualdades estruturais. Trata-se, portanto, de uma concepção que articula reconhecimento da diferença e luta por igualdade, recusando tanto a homogeneização cultural quanto a fragmentação identitária.

No campo educacional, essa tensão entre igualdade e diferença manifesta-se de modo particularmente sensível. A escola moderna, historicamente orientada por ideais universalistas, construiu currículos, práticas pedagógicas e formas de avaliação que, em nome da igualdade, frequentemente silenciaram saberes, narrativas e experiências de grupos sociais marginalizados. Populações negras, indígenas e periféricas, por exemplo, tiveram suas histórias e produções culturais sistematicamente invisibilizadas, o que contribuiu para a reprodução de hierarquias simbólicas e sociais no interior da instituição escolar.

A perspectiva intercultural, tal como formulada por Candau (2008), desafia esse modelo ao afirmar que a igualdade de direitos não implica a negação das diferenças, mas, ao contrário, exige seu reconhecimento e valorização. Nesse sentido, a educação intercultural não se limita à inclusão pontual de conteúdos culturais diversos no currículo, mas pressupõe uma revisão crítica das práticas escolares, das relações pedagógicas e das concepções de conhecimento legitimadas no espaço educativo. O foco desloca-se da simples tolerância à diversidade para a construção de relações dialógicas, nas quais os diferentes sujeitos possam se reconhecer como produtores de cultura e de saber.

Essa abordagem ganha especial relevância quando articulada à educação em direitos humanos. Para Candau (2008), a educação intercultural constitui um dos eixos fundamentais para a efetivação dos direitos humanos na escola, uma vez que promove o reconhecimento da dignidade de todos os sujeitos e o enfrentamento de práticas discriminatórias. A interculturalidade, nesse contexto, não é entendida como um fim em si mesma, mas como um caminho para a construção de sociedades mais justas, democráticas e inclusivas. Ela exige posicionamento ético e político diante das desigualdades raciais, culturais e sociais que estruturam a realidade brasileira.

No cotidiano escolar, essa concepção implica reconhecer que as identidades dos estudantes são múltiplas, dinâmicas e atravessadas por diferentes pertencimentos culturais. Ao invés de tratar essas identidades como obstáculos ao processo educativo, a perspectiva intercultural as compreende como potenciais pedagógicos. As experiências culturais trazidas pelos alunos em suas linguagens, referências simbólicas, práticas artísticas e modos de interpretar o mundo, tornam-se pontos de partida para a construção do conhecimento escolar,

favorecendo aprendizagens mais significativas e contextualizadas.

É nesse ponto que as práticas artísticas assumem papel central. A arte, enquanto linguagem simbólica e expressão cultural, possibilita a mediação entre diferentes universos culturais e a problematização das relações de poder que os constituem. Ao trabalhar com práticas artísticas no espaço escolar, especialmente quando articuladas a temas como cultura afro-brasileira, identidade e direitos humanos, cria-se um ambiente propício ao diálogo intercultural. A experiência estética permite que os estudantes expressem suas vivências, questionem estereótipos e ressignifiquem narrativas culturais dominantes, contribuindo para a construção de uma consciência crítica sobre a diversidade.

A interculturalidade, portanto, não se reduz a uma metodologia ou a um conjunto de atividades isoladas, mas configura-se como um projeto educativo comprometido com a transformação social. Ela exige formação docente crítica, revisão curricular e abertura institucional para o diálogo com diferentes saberes e culturas. No contexto da escola pública brasileira, marcada por desigualdades históricas e desafios estruturais, essa perspectiva revela-se particularmente potente, pois oferece instrumentos teóricos e pedagógicos para enfrentar o racismo, a exclusão e a negação de direitos.

Dessa forma, ao articular interculturalidade, educação em direitos humanos e práticas artísticas, a escola amplia sua função social e reafirma seu papel na formação de sujeitos críticos, capazes de reconhecer a pluralidade cultural como elemento constitutivo da vida democrática. A discussão proposta por Candau fornece, assim, um referencial teórico sólido para a análise de experiências pedagógicas que buscam integrar arte, cultura e direitos humanos, como a desenvolvida no presente estudo, permitindo compreender de que modo a prática educativa pode contribuir para a construção de relações interculturais mais justas e emancipadoras no espaço escolar.

3.2 TAREFAS PEDAGÓGICAS E PROGRESSÃO POR SÉRIES

Os resultados da experiência pedagógica podem ser analisados a partir das tarefas desenvolvidas ao longo do projeto, organizadas de modo progressivo conforme as séries do ensino fundamental e articuladas por uma perspectiva intercultural. As atividades foram planejadas como um conjunto de cinco tarefas pedagógicas, integrando artes visuais, linguagem, história e cultura afro-brasileira, com vistas à ampliação do repertório cultural dos estudantes e ao fortalecimento do protagonismo discente.

A primeira tarefa consistiu em atividades introdutórias de sensibilização e contextualização temática, nas quais os estudantes entraram em contato com os significados

culturais do *halloween* e com elementos das culturas afro-brasileiras, problematizando estereótipos e compreendendo as diferenças entre apropriação cultural e diálogo intercultural. Essa etapa foi fundamental para ativar conhecimentos prévios e promover debates em sala de aula, sobretudo nas turmas do 6º ano, em que o trabalho se concentrou na compreensão inicial das manifestações culturais e simbólicas.

A segunda tarefa envolveu pesquisas orientadas e produções escritas ou visuais, adaptadas às faixas etárias, nas quais os alunos investigaram personagens, símbolos, narrativas e expressões culturais relacionadas tanto ao *halloween* quanto à cultura negra e afro-brasileira. No 7º ano, essa etapa aprofundou a relação entre cultura, identidade e história, permitindo aos estudantes reconhecerem a contribuição dos povos africanos e afrodescendentes na formação cultural brasileira.

A terceira tarefa teve como foco a produção artística, com a elaboração de desenhos, cartazes, máscaras, figurinos e outros suportes visuais. No 8º ano, destacou-se o uso da arte como linguagem crítica, em que os estudantes reinterpretaram símbolos culturais, criando representações que dialogavam com a consciência negra, o combate ao racismo e a valorização da diversidade cultural. Essas produções evidenciaram a capacidade dos alunos de ressignificar referências globais a partir de contextos locais.

A quarta tarefa consistiu na preparação para a culminância do projeto, incluindo ensaios, organização de exposições e escolha de personagens para apresentações e cosplay. No 9º ano, observou-se maior autonomia dos estudantes, que passaram a assumir papéis de mediação cultural, explicando suas produções e escolhas temáticas aos colegas e à comunidade escolar, articulando língua inglesa, artes e história.

Por fim, a quinta tarefa correspondeu à culminância do projeto, realizada como um evento coletivo na escola, no qual os estudantes apresentaram suas produções artísticas, performáticas e expositivas. Esse momento consolidou os objetivos interculturais da proposta, promovendo o diálogo entre diferentes culturas, o respeito às identidades e a valorização das expressões artísticas como instrumentos de aprendizagem significativa. Os resultados observados indicam que as tarefas favoreceram o engajamento dos alunos, a integração curricular e a construção de práticas pedagógicas sensíveis à diversidade cultural.

4. CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica analisada demonstrou que práticas artísticas interdisciplinares constituem estratégias potentes para a promoção da interculturalidade e da educação em direitos humanos no ensino fundamental. Ao integrar arte, cultura e reflexão crítica, a proposta

favoreceu aprendizagens significativas e ampliou a compreensão dos estudantes acerca dos processos de ressignificação cultural presentes na sociedade contemporânea.

Observou-se que o trabalho com manifestações culturais globais, quando contextualizado e problematizado, contribui para o desenvolvimento de uma postura crítica diante das dinâmicas culturais, evitando reproduções acríticas e estimulando o reconhecimento da diversidade como valor formativo. A valorização da cultura afro-brasileira e o diálogo com a consciência negra fortaleceram a dimensão ética da proposta, reafirmando o papel da escola na formação cidadã.

Conclui-se que iniciativas pedagógicas dessa natureza ampliam as possibilidades de construção de uma escola democrática, plural e comprometida com os direitos humanos. Recomenda-se a continuidade e o aprofundamento de práticas semelhantes, bem como a realização de novas investigações que explorem o potencial das artes como mediadoras de experiências interculturais no contexto educacional.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SECAD, 2004.
- CANDAU, Vera M. **Direitos Humanos, educação e interculturalidade**: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 37, p. 45-56, jan./abr. 2008.
- _____. **Educação intercultural e direitos humanos**. *Educação & Sociedade*, v. 33, n. 118, p. 235–250, 2012.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOOKS, bell. **Olhares negros**. São Paulo: Elefante, 2019.